

RICARDO MENÉNDEZ SALMÓN

O REVISOR

Tradução de Helena Pitta

I

Quando o primeiro comboio foi pelos ares, derramando sobre as nossas pequenas e esforçadas vidas um aluvião de sangue, cólera e medo, eu estava sentado diante da minha velha mesa de freixo australiano e corrigia umas provas de *Demónios* de Fiódor Dostoiévski.

Chamo-me Vladimir – na sua juventude o meu pai foi um fanático da Revolução Russa – e sou revisor. E atrever-me-ia a dizer que Fiódor Dostoiévski é o meu escritor favorito. (Talvez há dez anos, quando tinha vinte e cinco, tivesse dito que o meu escritor favorito era Albert Camus, e provavelmente dentro de outros dez, quando tiver quarenta e cinco, me incline por Stendhal ou Platão.)

De modo que ali estava eu, às 07h37 de quinta-feira, 11 de Março de 2004, fresco e com o pequeno-almoço acabado de tomar, com uma bonita luz de Inverno entrando pela janela como um dardo de geada, lendo uma prova tipográfica, composta em fonte Bembo de 12 pontos, na qual Alexei Kirilov confessava a Piotr Verhovenski

que «o terror é a maldição do homem», quando o primeiro comboio saltou pelos ares e de repente os nossos relógios ficaram a zero.

É verdade que hoje, quando tantas coisas aconteceram desde essa altura e muitas daquelas emoções foram filtradas pela peneira da reflexão, tudo parece menos confuso, mais simples de compreender, mas, durante as horas desta crónica, todos os que lá estivemos (e julgo que *todos*, de uma maneira ou de outra, estivemos lá) sentimos que os bons tempos estavam a chegar ao fim.

Claro que os bons tempos já estão a chegar ao fim há umas quantas primaveras, e periodicamente, como se necessitássemos de corroborar a ideia perspicaz que Alexei Kirilov expunha a Piotr Verhovenski enquanto as primeiras bombas transformavam o aço dos comboios em lava ardente e desfaziam os ossos das pessoas; claro que, também periodicamente, sentimos necessidade de fazer alguma coisa uns aos outros que nos indique claramente que um belo dia, simplesmente, há-de ir tudo para a merda.

Nós, os homens, negros e brancos, felizes e tristes, inteligentes e tontos, sem excepção, somos assim: arvoramos bandeiras que outros odeiam, adoramos deuses que ofendem os nossos vizinhos, rodeamo-nos de leis que insultam quem nos rodeia. A consequência é fácil de deduzir: de vez em quando, faça sol ou faça chuva, em democracia ou sob a égide de algum fascista disfarçado de inspector das Finanças, atiramos aviões contra arranha-céus, bombardeamos países declaradamente pobres e embarcamos em cruzadas tão atrozes como injustas.

Quando o telefone tocou, aproximadamente às 08h50, eu tinha deixado para trás aquelas páginas brilhantes, arrebatadas, nas quais Alexei Kirilov fundamenta as razões do seu iminente suicídio, e preparava-me para acender o primeiro cigarro do dia. Nessa altura, obviamente, ainda não sabia de nada, e só *a posteriori*, com a ajuda da minha bagagem literária e da minha capacidade para a ficção, fui capaz de dar forma artística àquela primeira impressão *que não tive na realidade* senão setenta ou oitenta minutos depois do instante em que o primeiro comboio impregnava o ar de Madrid com um fedor a vísceras.

– Soubeste?

A voz que me levou a notícia, naquela manhã, nem sequer me deu os bons-dias. Intuí de imediato que se passava alguma coisa muito séria. Porque um editor só nos telefona às 08h50 de uma quinta-feira se, nessa mesma noite, ao seu lado na cama, dormiu um problema dos graves. De modo que ofereci a mim próprio alguns segundos de trégua antes de enfrentar o monstro, acendi o cigarro, agarrei na minha *Faber Castell* para colocar um *deleatur* num dequeísmo inquietante deixado pelo tradutor de Fiódor Dostoiévski e imaginei Uribesalgo com a sobrançelha esquerda arqueada, como um mordomo inglês, metido nas inevitáveis calças de bombazina e chupando um daqueles rebuçados de menta com que, inutilmente, tenta combater a halitose.

– Olá, Uribe – acabei por responder educadamente. – Como estás? Algum problema?

– Algum problema? – perguntou então Uribesalgo.

Reconheço que nesse instante uma câibra pungente me percorreu as costas, porque, se tenho a certeza de alguma coisa, é de que sei perfeitamente, pelo seu tom de voz, quando Uribesalgo sente pânico sem motivo e quando está verdadeiramente preocupado. E naquela manhã, quando Uribesalgo perguntou «Algum problema?», a minha intuição deixou de ser só intuição e compreendi de uma forma diáfana, sem qualquer resquício dúvida, com a mesma clareza com que, por exemplo, um revisor compreende que Fiódor Dostoiévski é um génio e Hermann Hesse é um chato, que alguma coisa verdadeiramente séria tinha acontecido.

Não gosto muito de me relacionar por telefone. (De facto, não gosto muito de me relacionar através de nenhum meio, sou um misantropo inveterado.) Talvez o passar tanto tempo rodeado de livros, o viver com tanta intensidade através da palavra escrita, o admirar o que outras pessoas escreveram há cinquenta, cem ou mesmo dois mil e quinhentos anos, tenha destas coisas. Além disso, Uribesalgo é um tipo bastante nervoso, tem bichos-carpinteiros, e ao telefone parece sempre que nos está a dar uma descasca ou que está prestes a fazê-lo, de modo que a minha intenção era deixá-lo falar um bom bocado, dar-lhe gratuitamente um conselho de amigo e desligar sem mais explicações.

Mas não consegui fazê-lo. Não quando me disse o que tinha acontecido.

– Vários comboios foram pelos ares.

Da minha casa não se vê o mar, mas nos dias de vento nordeste forte, quando este fustiga a praia e as gaivotas

guincham sem descanso, conseguimos cheirar o Atlântico nos quartos. É uma sensação tão boa como ouvir o riso de uma criança.

A 11 de Março de 2004, quando Uribesalgo pronunciou aquela frase e eu me levantei para abrir a janela do escritório, o mar entrou em minha casa.

– Em Madrid – disse Uribesalgo. – Dois em Atocha, um em Santa Eugenia e... – aqui a sua voz hesitou e eu imaginei-o a tentar decifrar o teletexto ou a atender numa segunda linha a chamada de algum colega. – E outro em El Pozo del Tío Raimundo. Quatro comboios, Vlad. Quatro.

Diante da minha casa, numa das varandas que vejo todas as manhãs ao debruçar-me na janela, um vizinho regava uma figueira gigante com uma mangueira amarela de plástico. O meu vizinho ia e vinha ao longo do seu pequeno perímetro, dois passos para um lado e dois para o outro, com um boné da equipa Minardi e umas sandálias de corda, parecendo uma alegoria da calma, uma imagem impossível de conciliar com a notícia que Uribesalgo acabara de me dar.

– Vlad, estás aí, Vlad? Ouviste o que te acabei de dizer?

Nesse momento o meu vizinho olhou para mim e fez um gesto ambíguo com a mão livre, como se quisesse esboçar um cumprimento que não chegou a completar, uma espécie de olá abortado que o fez parecer ridículo e que conseguiu que a alegoria da calma se quebrasse. Eu também levantei a minha mão livre à altura da testa, mas o meu vizinho fechou então a torneira da mangueira, deu meia-volta e meteu-se em casa.

Lembro-me de que fiquei ali quieto, com a mão a caminho de parte nenhuma, como um pássaro que não encontrasse um ramo onde pousar, contando cada batida do meu ainda jovem e impressionável coração.

– Sim, Uribe. Claro que continuo aqui. E evidentemente que te ouvi.

Para ser sincero, a imagem dos comboios voando pelos ares vinha juntar-se, por um acaso um tanto sinistro, à leitura intensa que andava a fazer há dias de *Demónios* (independentemente do tamanho, nunca corrijo um livro num único dia de trabalho: a perspectiva de, pelo menos, quarenta e oito horas de dedicação ajuda a desembaraçar-me de alguns preconceitos e evita muitas tentações), e a junção de ambas as circunstâncias, o relato da conspiração de Netchaiv e a presença do terror contemporâneo (pois embora Uribesalgo ainda não tivesse pronunciado a palavra ominosa, compreendi que tinha sido um atentado), irmanavam-se de uma forma tão sedutora como abominável.

A visão da figueira acabada de regar, só na sua serenidade vegetal, e o cheiro intenso a mar que impregnava o ar, tornavam o instante ainda mais irreal.

– Quem foi? – perguntei então a Uribesalgo, arrependendo-me imediatamente, porque não me agrada falar de certos assuntos com uma pessoa que, embora de uma forma ocasional, deposita dinheiro na minha conta bancária.

– Estás parvo? A ETA, foda-se, quem havia de ser?

Sobre a minha mesa de trabalho há uma fotografia da minha mulher e dos meus pais que neste instante, enquanto escrevo esta página, observo. Zoe está no centro da imagem

abraçando os sogros, ambos mais baixos do que ela. Ao fundo, vê-se o edifício do Kursaal e uma nesga da praia de Gros em San Sebastián. É um dia de Verão, radioso mas com muito vento, e os três turistas estão despenteados. Zoe e o meu pai estão com óculos de sol e mostram os dentes ao sorrir. A minha mãe, num gesto semelhante ao do vizinho da mangueira, leva uma mão à cabeça para proteger o penteado, mas o seu sorriso não deixa ver um único dente. A fotografia não mudou desde aquele 11 de Março, permanecerá incólume para sempre, a não ser que o fogo a consuma ou que a água a estrague: a vida privada dos objectos é assim, terrível para os mortais. Nós mudamos; eles permanecem.

– Liga o rádio ou a televisão – disse Uribesalgo naquela manhã, enquanto eu olhava, paralisado, para a fotografia de três das quatro pessoas que mais amo no mundo. – Não se fala de outra coisa.

E a verdade é que lá fora, no confiante universo das varandas diurnas, onde a morte parecia um sonho mau fruto de uma digestão pesada, um acontecimento tão improvável como o nascimento de um borrego com duas cabeças, a cidade ia tomando consciência de que alguma coisa terrível tinha acontecido, de que o mundo se tinha transformado num lugar inóspito e pavoroso, de que um punhado de editores estaria nesse preciso momento a telefonar para um punhado de revisores para os informar da errata enorme e indelével que uma mão cruel tinha escondido dentro de um texto até esse dia sagrado.

Uma errata que, para nossa desgraça e futura vergonha, ninguém poderia nunca apagar.